

planeta mas, apenas de um paiz para outro. Ouçamos, para exemplo, o poeta das "Primaveras", oitenta e dois annos depois de desencarnado:

"Que terno sonho dourado
Das minhas horas fagueiras
No recanto das palmeiras
Do meu querido Brasil!
A vida era um dia lindo
Num vergel cheio de flores,
Cheio de aroma e esplendores
Sob um céo primaveril.

(Continua na 8^a pag.)

COMO CANTAM OS MORTOS...

(Continuação da 1^a pag.)

"Se a morte anniquilla o corpo
Não anniquilla a lembrança:
Jamais se extingue a esperança
Nunca se extingue o sonhar!
E à minha terra querida,
Recortada de palmeiras
Espero em horas fagueiras
Um dia, poder voltar".

Anthero de Quental continua triste e tragico no outro mundo, e disposto, parece, a suicidar-se de novo, para reaparecer neste. "À Morte" é um dos seus sonetos caracteristicos, exportados com endereço aos seus antigos admiradores e discípulos, por intermedio do "medium" mineiro:

"Ó Morte, eu te adorei, como se fôras
O fim da sinuosa e negra estrada,
Onde habitasse a eterna paz do Nada
Sem agonias desconsoladoras.

"Eras tu a visão idolatrada
Que sorria na dor das minhas horas,
Visão de tristes faces scismadoras,
Nos crepes do silencio amortalhada.

"Busquei-te, eu que trazia a alma já morta,
Escorraçada no padecimento,
Batendo allucionado à tua porta;

"E escancaraste a porta escura e fria,
Por onde penetrei no Soffrimento,
Numa senda mais triste e mais sombria".

A noticia que Anthero nos dá não é, evidentemente, das mais agradáveis. A outra existencia, para elle, não tem sido melhor do que esta. Ou succederá isso em virtude do genero de morte que elle escolheu? O homem que se mata engana, ou tenta enganar a Deus. E o castigo que este lhe inflige, consiste, possivelmente, em fazel-o soffrer no outro mundo os mesmos tormentos que padecia neste. Em synthese: a morte, obtida pelo suicidio, não vale. Só é tomada em consideração aquella que Deus dá, isto é, que sobrevém naturalmente.

D. Pedro II continua, mesmo depois de morto, a fazer maus versos. Ha uma antiga tradição literaria, segundo a qual os melhores sonetos do ex-Imperador eram feitos pelo Barão de Loreto. Admittida essa versão, a conclusão a tirar dos decasyllabos que se vae ler é que os dois andam, agora, por lá, separados. Escutemos o velho monarcha:

"Magnanimo Senhor, que os orbes cria,
Povoando o Universo illimitado,
Que dá pão ao faminto, ao desgraçado,
E ao soffredor os raios da alegria;
"Se, de novo, no mundo, desterrado,
Necessitar viver inda algum dia,
Que eu regresse ditoso ao solo amado
Da generosa patria que eu queria;
"Se é mister retornar a um novo exilio,
Seja o Brasil, lá onde eu desejava
Ter vertido o meu pranto derradeiro.
"Que eu novamente viva sob o brilho
Da mesma luz gloriosa que eu amara,
Na alcandorada terra do Cruzeiro".

Castro Alves continua condoreiro e utilizando as mesmas imagens em que era mestre, na terra:

"É a gotta dagua caindo
No arbusto que vae subindo
Pleno de seiva e verdor;
O fragmento do estrume
Que se transforma em perfume
Na corolla de uma flor.



"É a dor que através dos annos,
Dos algozes, dos tyrannos,
Anjos purissimos faz;
Transformando os Neros rudes
Em arautos de virtudes,
Em mensageiros de paz!"

E Junqueiro, sem mudar de thema ou de rima:

"Na silenciosa paz do cimo do Calvario
Ainda se vê na Cruz o Christo solitario.
"Vinte seculos de dor, de pranto e de agonia
Represam-se no olhar do Filho de Maria".

As poesias de Junqueiro continuam sendo, na outra vida, extensas em demasia. Ficam, por isso, ahí, apenas duas parelhas, para amostra.

O "Parnaso de Além-Tumulo" merece, como se vê, a attenção dos estudiosos, que poderão dizer o que ha nelle, de sobrenatural ou de mystificação. No primeiro caso, o outro mundo deve ser insupportavel, com os poetas que lá se acham. E peor será, ainda, se houver, também, por lá, declamadoras...²

² Transcrito do jornal *Diário Carioca*, edição de 12/07/1932, na grafia da época. Imagens disponíveis em: <http://memoria.bn.br/DocReader/093092_02/8000>. Acesso em: 09 jul. 2017. Informação enviada à Vinha de Luz Editora por Ivanir Severino da Silva, repassada de Otávio Alonso Freire Alves via e-mail.



Departamento Editorial da Casa de Chico Xavier
Av. Álvares Cabral, 1777 — 20º andar — Sala 2006
Santo Agostinho | 30170-001 | Belo Horizonte | MG
(31) 2531-3200 | 2531-3300 | 3517-1573

www.vinhadeluz.com.br
informacoes@vinhadeluz.com.br

www.casadechicoxavier.com.br
informacoes@casadechicoxavier.com.br

Este livro foi composto em tipografia Zapi Humanist, corpo 11, predominantemente.
Capa impressa em papel Supremo 250g e miolo impresso em Chambril Avena 80g.
Viena Gráfica e Editora Ltda. | Santa Cruz do Rio Pardo | São Paulo

DO ALTO

CARTAS
DO ALTO

CARTAS